

Três Sonetos a Duas Mãos

Em 1963, estando o poeta OTACÍLIO DE AZEVEDO em São Paulo, onde já residia seu filho SÂNZIO DE AZEVEDO, resolveram os dois, a título de exercício ou de passatempo, escrever sonetos em colaboração. Ao invés, porém, de dividirem as tarefas por estrofes, como geralmente ocorre em tais casos, fizeram questão de escrever verso por verso, o que torna o trabalho mais difícil. É claro que se trata de artifício literário, mas a *Revista da Academia Cearense de Letras* não poderia deixar de preservar essa curiosidade, transcrevendo 3 sonetos compostos pelos dois então futuros membros da ACL.

I

Claros dias de sol de Fortaleza!
Noites brancas de luar em que, cantando,
afastava de mim toda a tristeza,
mil castelos de sonhos levantando...

Ainda hoje, a ti toda a minha alma presa,
os instantes de ausência vou contando;
são minhas horas todas de incerteza:
espero ver-te ainda uma vez... mas quando?

Quando será o instante venturoso
em que, outra vez, olhando o mar raivoso,
serei feliz, como já o fora outrora?...

Algo me diz que não será tão cedo;
e esta saudade é um passional segredo
que ensangüenta de dor a minha aurora!

II

Trecho de noite morta e sem lirismo.
O áureo alfange estreitíssimo da lua,
não vendo poetas, mergulhou no abismo,
deixando a treva amortalhando a rua...

Aguço o olhar na escuridão e cismo...
Nem uma estrela pela noite nua.
Existo, apenas. E, ébrio de acosmismo,
a lembrança da morte se insinua...

Qual se morresse toda a humanidade,
e ficasse, sozinho, ao léu do sonho,
a solidão das amplidões me invade...

E errando, a sós, dentro de mim fechado,
trecho não vi da noite mais tristonho,
que me fizesse assim tão desgraçado!

III

A noite veste a saia esburacada
e, adormecendo sonhos vagabundos,
invejaria as noites de outros mundos
se não fosse dos homens desejada...

Do vento forte a boca escancarada
tenta apagar estrelas nos profundos
recôncavos dos céus. Os olhos fundos
alongo ao Leste, e espio a madrugada.

O sol, rubro aneurisma, deita sangue
matando a noite. O coração do manguê
pulsa com pena, mas não dá remédio...

Agora olho o outro lado. O sol declina,
e dos olhos da tarde a áurea neblina
escorre e perde a cor. Chora de tédio...